



Quando é que haverá mais vacinas?

Já na próxima semana, a agência europeia deve aprovar a da Moderna. A da Astrazeneca pode chegar em fevereiro

Até agora, Portugal e todos os países da União Europeia contam apenas com a vacina da Pfizer/BioNTech para imunizar as suas populações. Mas outras se seguirão no início de 2021. Só assim se poderá garantir que a maior campanha de vacinação mundial avança ao ritmo desejado, pondo fim à pandemia no próximo ano.

MODERNA

Depois da aprovação, a 21 de dezembro, da vacina desenvolvida pela Pfizer/BioNTech, a Agência Europeia do Medicamento (EMA) tem marcada uma reunião extraordinária para 6 de janeiro de onde deverá sair a aprovação da vacina da Moderna, que já está a ser usada nos EUA e no Canadá. No seu site, a EMA anuncia que vai tentar “concluir o processo de avaliação”. Se não for possível, a decisão será tomada na reunião seguinte, a 12 de janeiro.

Desenvolvida pela farmacêutica norte-americana, recorre à mesma técnica que a da Pfizer, chamada de mensageiro RNA. Nestas vacinas não se recorre ao vírus mas a uma parte do seu material genético (o tal mensageiro), sintetizado em laboratório em larga escala, e que vai dar instruções às células humanas para produzirem uma proteína de vírus (spike) e logo de seguida os anticorpos que a vão combater.

A eficácia desta vacina é se-

melhante à da Pfizer (quem é vacinado terá uma redução de 95% no risco de contrair a doença), mas tem a vantagem de poder ser armazenada em todas as fases a uma temperatura normal de refrigeração (entre os 2° e os 8°C e não a 80° negativos). Tal como a primeira, requer a administração de uma segunda dose (ao fim de um mês) para se alcançar a imunidade máxima, que acontece apenas uma semana depois da segunda toma. Mas não será esta a vacina capaz de satisfazer as necessidades da população, já que foi aquela com quem a UE conseguiu contratualizar menos doses. ‘Apenas’ 160 milhões, com 1,9 milhões para Portugal.

ASTRAZENECA/OXFORD

Com 400 milhões de doses contratualizadas com a UE (6,9 milhões para Portugal) é sobre esta vacina, aprovada na quarta-feira pelo regulador britânico, que recaem as maiores expectativas. As vantagens são várias, aponta João Gonçalves, professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa e diretor do Instituto de Investigação do Medicamento: é possível produzir mais doses em menos tempo, com um custo inferior ao das concorrentes — a farmacêutica inglesa já disse não querer fazer lucro durante a fase pandémica —, requer temperaturas normais de refrigeração, com possibilidade de conservação em frigorífico até seis meses, evitando as dificuldades logísticas inerentes à ultrarrefrigeração exigida pela

Pfizer. E também porque nos seus ensaios clínicos foram incluídas pessoas com mais de 60 anos em muito maior número do que nos testes da Pfizer e da Moderna, dando mais robustez aos dados de respostas imunitárias entre esta população que está mais em risco e onde a proteção dada pelas vacinas é tendencialmente menos eficaz. Os ensaios da Astrazeneca não se limitaram a testar se a vacina protege as pessoas da doença, mas também de contraírem a infeção (mantendo-se potencialmente transmissoras). E os resultados preliminares indicam que sim, acrescenta João Gonçalves.

No Reino Unido esta vacina começa a ser administrada a 4 de janeiro, mas nos países da UE provavelmente vai ser preciso esperar mais umas semanas. Um erro involuntário na administração de doses durante os ensaios gerou dúvidas nos resultados de eficácia. E a EMA entendeu que precisava de ter dados com mais qualidade para tomar uma decisão, que só deverá acontecer em fevereiro.

A vacina recorre a uma técnica um pouco diferente em relação à Pfizer e à Moderna. O objetivo é o mesmo — levar o organismo a produzir anticorpos neutralizantes e células T que combatam o SARS-CoV-2 quando o encontrarem — mas neste caso o gene que codifica para a proteína spike deste novo coronavírus é colocado num outro vírus modificado (um adenovírus que causa constipações em chimpanzés),

Data: 31.12.2020

Título: Quando é que haverá mais vacinas?

Pub:

Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 9



que é injetado no músculo mas que é incapaz de se reproduzir e não provoca doença. As células humanas vão usar o gene para produzir a proteína spike e o sistema imune vai assumir estar perante um agente estranho e produzir as tais defesas. Nestas vacinas de adenovírus, a resposta do sistema imunitário é mais rápida, logo ao fim de duas semanas da inoculação, explica João Gonçalves.

JANSSEN, CUREVAC, SANOFI

A vacina produzida pela Janssen, farmacêutica da Johnson and Johnson, tem uma característica que a distingue das demais, já que foi testada com inoculação de uma só dose, o que a tornaria mais fácil de distribuir e administrar. Mas os resultados de eficácia só deverão ser conhecidos em janeiro, ati-

rando o pedido de autorização aos reguladores para fevereiro ou março. A UE contratualizou a compra de 400 milhões de doses, com 4,5 milhões para Portugal. Quanto à Curevac, os ensaios clínicos de fase II e III já se iniciaram e a empresa conta submeter, durante o primeiro trimestre de 2021, os primeiros dados para avaliação à EMA. A ser aprovada, Portugal receberá 4 milhões de doses. A Sanofi, em parceria com GSK, está mais atrasada. Os resultados preliminares revelaram efeitos adversos e uma resposta imunitária fraca nas pessoas com mais de 50 anos, levando a farmacêutica a reagendar mais ensaios para 2021. Se correrem bem, a vacina só estará disponível mais no final do ano.

ISABEL LEIRIA

ileiria@expresso.impresa.pt



Área: 370cm² / 28%

Tiragem: 123.400

Cores: P/B

ID: 7024987